

ESPORTES

VÔLEI DE PRAIA Conheça Aquiles e Lorenzo, a dupla brasileira de gêmeos em ação nos Jogos da Juventude na Paraíba

Sonho olímpico em família

MARCOS PAULO LIMA

Gabriel Heusi / COB

Aquiles joga vôlei de praia de óculos. Lorenzo usa boné. Os acessórios não são aleatórios. Ajudam a diferenciá-los nas quadras de João Pessoa, capital da Paraíba, na disputa dos Jogos da Juventude. Os irmãos Boner, sobrenome da dupla brasileira, são gêmeos, e fazem da experiência no Nordeste um atalho para o sonho maior dos atletas de alto rendimento: disputar os Jogos Olímpicos.

Não falta inspiração no próprio quadrado. O candango Bruno Schmidt conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 e abriu o caminho para outros brasileiros. Embora não tenha mar, o Cerrado continua formando talentos para o vôlei de praia, protagonista de 14 medalhas em participações do Brasil no megaevento: 4 ouros, 7 pratas e 3 bronzes na soma das conquistas masculinas e femininas.

Criados da Asa Norte e do Iate Clube, Aquiles e Lorenzo dão saques, bloqueios, cortadas e levantam a bola um para o outro desde a barriga da mãe. “Nós sempre fomos uma dupla, seja jogando esporte coletivo, seja individual. Éramos apontados como a dupla dos gêmeos sensação. Desde pequenos, vamos para todos os lugares juntos. Depois que entramos no vôlei de praia, aí que passamos a andar mais juntos, mesmo”, conta Aquiles em entrevista ao COB.

Os brasileiros atuam juntos e brigam também, como nas melhores famílias. “Estamos juntos todos os dias. Acordo e durmo convivendo com ele. Quem tem irmão vai entender. Nós brigamos muito também, mas cinco minutos depois já fizemos as pazes e volta tudo ao normal”, admite Lorenzo.

A participação de Aquiles e Lorenzo nos Jogos da Juventude tem uma curiosidade:



“Nós sempre fomos dupla. Éramos apontados como os gêmeos sensação. Desde pequenos, vamos para todos os lugares juntos. Depois que entramos no vôlei de praia, aí que passamos a andar mais juntos, mesmo”

Aquiles

ambos podem duelar com uma outra dupla de gêmeos. Anfitriã do evento, a Paraíba torce pelos brothers Isaú e Esaú Alves. “Se enfrentarmos a outra dupla de gêmeos, vamos entender o que os adversários sentem quando jogam contra a gente”, brinca o paraibano Isaú. “Sermos gêmeos é uma sorte, porque pode funcionar para atrapalhar a estratégia dos adversários. Eles podem se confundir e sacar o jogador errado”, diverte-se.

Longe do mar

Há uma outra coincidência entre os gêmeos brasileiros e paraibanos: as duas duplas treinam longe do mar.

Compreensível nos casos de Aquiles e de Lorenzo. No mínimo estranho do que diz respeito ao meninos do litoral Isaú e Esaú. “A maioria dos meus amigos do esporte jogam vôlei de quadra e brincam na areia. Nós não, somos uns dos poucos que treinamos com foco total no vôlei de praia”, conta Lorenzo.

A dupla paraibana mora em Logradouro, no interior da Paraíba, e treina no projeto Caiçara Jovem, na Escola Maria Gertrudes de Carvalho Neves, na cidade vizinha localizada a cerca de 3 km da casa dos meninos. As condições climáticas atrapalham: “Na minha cidade, venta pouco. Aqui em João Pessoa, deve ventar 10 vezes mais do que lá. É difícil se preparar para

“Estamos juntos todos os dias. Acordo e durmo convivendo com ele. Quem tem irmão vai entender. Nós brigamos muito também, mas cinco minutos depois já fizemos as pazes e volta tudo ao normal”

Lorenzo

disputar torneios nas regiões litorâneas”, lamenta Esaú.

Os paraibanos fizeram um período de aclimação em João Pessoa sob o comando do técnico Luis Henrique Monteiro. Os candangos não tiveram a mesma oportunidade. “No DF, não chega nada semelhante a esse vento de João Pessoa. Eu brinco que nós jogamos vôlei de areia no DF e vôlei de praia no litoral, porque parecem esportes diferentes”, observa Aquiles. “Nesse vento, a bola muda de direção de um segundo para outro. Mas temos que nos adaptar e estar preparados para isso também”, pondera o jogador.

* Com informações do Comitê Olímpico do Brasil (COB)

TÊNIS

O ponto final da lenda Rafael Nadal

Duas décadas depois, ponto final. O adolescente que surgiu para o mundo na final da Copa Davis vencida pela Espanha sobre os Estados Unidos em 2004 se despediu do tênis no mesmo torneio na última terça-feira, mas de maneira mais amarga, com a eliminação do país nas quartas de final.

Aos 38 anos, Rafael Nadal havia anunciado em outubro a intenção de se aposentar, depois de conquistar 22 títulos de Grand Slam: 14 no saibro de Roland Garros (2005-2008, 2010-2014, 2017-2020 e 2022), dois na grama de Wimbledon (2008 e 2020), dois no Aberto da Austrália (2009 e 2022) e quatro no US Open (2010, 2013, 2017 e 2019), os dois últimos em quadra dura.

Nadal, que terminou a última participação no “quintal” de Roland Garros neste ano com uma eliminação na primeira rodada diante do alemão Alexander Zverev, não confirmará a previsão feita pelo compatriota Nicolás Almagro quando ambos se enfrentaram

nas oitavas de final do torneio parisiense em 2008.

Amplamente dominado (3 sets a 0 com um triplo 6-1), Almagro, que chegou a ser número 9 do mundo, profetizou: “Vai ganhar 40 Roland Garros! Vai ter 65 anos e vai continuar ganhando Roland Garros!”.

Os números transformaram Nadal em imortal em Roland Garros, onde tem uma estátua na entrada: 112 vitórias em 117 jogos disputados e 14 títulos.

E fora do saibro e dos Grand Slams, a carreira de Nadal também é lendária: 92 títulos no circuito da ATP, número 1 do mundo por 209 semanas (sexto na classificação histórica), cinco Copas Davis, bicampeão olímpico (em simples e duplas).

Filho de uma comerciante e de um empresário de Manacor, na Ilha de Maiorca, Nadal passou toda a infância na casa onde vivia toda a família. Mais como um clã, por conta da união de todos os seus membros. Por isso, a

separação dos pais em 2009 foi um duro golpe para o então jovem de 20 e poucos anos.

Dois de seus tios tiveram importância capital na formação do tenista: Miguel Ángel Nadal, jogador do Barcelona nos anos 1990, que o conscientizou desde pequeno sobre as exigências do esporte profissional, e principalmente Toni, seu mentor desde os quatro anos e treinador até 2018, quando Carlos Moyà, ex-número 1 do mundo, assumiu a função.

Sob a tutela de Toni, o técnico mais severo que se pode imaginar, o jovem prodígio começou a jogar no clube de tênis em frente à casa da família. “Ele fazia muita pressão, usava uma linguagem brutal, frequentemente gritava; eu tinha medo dele”, chegou a explicar o campeão.

Segundo Toni, era o preço a pagar para transformar um garoto muito tímido e medroso em um monstro na quadra, mas ao mesmo tempo um verdadeiro cavalheiro. Além dos títulos, Nadal

AFP



A emoção do tenista espanhol na despedida: “Você com a tranquilidade de que deixe um legado não só esportivo”

problemas nos joelhos e no pulso o afastaram do circuito durante longos períodos, uma rotina que o acompanhou até o fim da carreira.

Depois da grande temporada em 2022, Nadal decidiu cuidar do corpo em 2023 e voltou no início de 2024, mas sem conseguir a continuidade desejada.

Nos Jogos Olímpicos de Paris, disputado nas dependências de Roland Garros, não conseguiu medalha nas duplas ao lado de Carlos Alcaraz e na chave de simples foi eliminado por Novak Djokovic, que posteriormente foi medalhista de ouro.

Apesar da carreira bem-sucedida e do status de lenda do tênis, Nadal se apresenta como “um cara normal”, cujo maior hobby é sair para pescar com seus amigos, assistir a jogos de futebol (é torcedor do Real Madrid) e passar tempo com sua esposa Mery, sua companheira desde 2005 e com quem tem um filho de dois anos, o pequeno Rafa, seu maior estímulo em sua última etapa nas quadras.

pode se orgulhar de ser um dos poucos tenistas, senão o único, a nunca ter quebrado uma raquete por raiva ou frustração.

Anormal

Menos dotado tecnicamente que Roger Federer, a chave do sucesso de Nadal está sobretudo na mentalidade, na “capacidade de aceitar as dificuldades e superá-las, muito maior do que na maioria dos adversários”, admitiu ele próprio.

PAULISTÃO

Comandado pela técnica brasileira Camilla Orlando, o Palmeiras derrotou o Corinthians nos pênaltis por 2 x 0, ontem, em Campinas (SP), e conquistou o Paulistão Feminino. O time alviverde fez 2 x 1 no tempo regulamentar e o placar agregado ficou 2 x 2. As Brabas perderam todas as cobranças. Palermo e Ingridy acertaram para a equipe do Palmeiras.

VITOR ROQUE

Em entrevista à TV Bétis, o atacante brasileiro lamentou a falta de paciência do Barcelona com ele: “Descobri que viria (do Atlético-PR) para Espanha uma semana antes, nas férias. Quando cheguei, tive poucas oportunidades e nenhum tempo para me adaptar”, reclamou o jogador emprestado ao Bétis.

LEGENDS

O Flamengo derrotou o Borussia Dortmund por 2 x 1, ontem, no Mané Garrincha, no duelo entre lendas do clube brasileiro e do alemão no Tributo ao Rei Pelé. O veterano meia Beto abriu o placar para o time rubro-negro. O brasileiro Amoroso empatou para o Borussia, mas Marcos Dener decretou o triunfo carioca na festa em Brasília.

COPA DAVIS

A Alemanha se classificou para a semifinal da Copa Davis ao derrotar o Canadá por 2 X 0 ontem, em Málaga, e disputará vaga na decisão do torneio com a Holanda, que passou pela Espanha. Os alemães se vingaram da derrota nas quartas de final de 2022 diante dos canadenses, que naquele ano foram campeões da Davis.

ELIMINATÓRIAS

O atacante peruano Paolo Guerrero reclamou do árbitro colombiano Wilmar Roldán na derrota para a Argentina, terça-feira, em Buenos Aires. “É um pouco difícil quando o árbitro te condiciona. Nos empurraram e não havia nem uma falta. Se tocava no Messi com um dedo, e tudo era falta. Ninguém fala nada porque é o Messi”, desabafou.

RÚGBI

A neozelandesa Crystal Kauru anunciou ontem a primeira convocação na Seleção para o Circuito Mundial de Rugby Sevens, a partir do dia 30. A treinadora definiu Bianca Silva como a nova capitã das Yaras, substituindo Luiza Campos. Foram chamadas 13 jogadoras para as duas rodadas iniciais do Circuito Mundial, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.